

O SENSO COMUM E A CIÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Isabela Jube Wastowski¹
Letícia Cristina Alves de Sousa²
Bruno Rogério Ferreira³
Cristiana Paula Vinhal⁴
Lorena da Fonseca Ferreira⁵

Promoção da saúde

Resumo

A presença de saúde permite que a pessoa exerça suas atividades cotidianas e tenha qualidade de vida. Quando se trata de saúde ou doença, fatores como senso comum e conhecimento científico constantemente são abordados. O senso comum é a opinião particular do indivíduo sobre determinado assunto, porém sem o conhecimento científico. A realidade deve ser analisada de forma a compreender o processo, o mecanismo, o funcionamento de algo ou determinada situação. O conhecimento científico surgiu para esclarecer aspectos problemáticos suscitados pelo senso comum, ou seja, para responder sob o olhar científico aos seus questionamentos, bem como garantir a cientificidade das respostas produzidas para aqueles problemas. O objetivo é definir o senso comum e o conhecimento científico e apresentar como o senso comum e o conhecimento científico influenciam na saúde e na sua manutenção. Trata-se de revisão de literatura, na qual foram utilizadas informações disponíveis em artigos científicos na base de dados Google Acadêmico e Scielo, utilizou-se as palavras-chaves senso comum, conhecimento científico, ciência, saúde. Na área da saúde, a divulgação dos saberes compreende todos os processos de comunicação que se dão no contato com médicos e demais profissionais; pelos meios de comunicação de massa; educação sanitária; nível de escolaridade e outras formas. Tão importante quanto as descobertas que são realizadas pela ciência, são como elas serão transmitidas e colocadas em prática pela comunidade em geral.

Palavras-chave: Covid-19; Conhecimento científico; Saber Comum.

¹ Prof. Dra. Universidade Estadual de Goiás-UEG – Departamento Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade, wastowski@gmail.com

² Aluna do curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade - PPGAS, Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos - GO, leticiafarm7620@gmail.com

³ Aluno do curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade - PPGAS, Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos - GO, dermatofarma@gmail.com

⁴ Aluna do curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade - PPGAS, Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos - GO, cristianavinhapedagoga@gmail.com

⁵ Aluna do curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade - PPGAS, Universidade Estadual de Goiás, Campus Morrinhos - GO, lf.dafonseca@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social e não apenas como a ausência de doença (OMS, 2006). A presença de saúde permite que a pessoa exerça suas atividades cotidianas e tenha qualidade de vida. A doença é o desequilíbrio do bem-estar, onde alguma manifestação física ou mental no indivíduo altera negativamente o seu organismo. Quando se trata de saúde ou a ausência dela, fatores como senso comum e conhecimento científico constantemente são abordados, seja pelo chá que a avó ensinou, pelo medicamento que o médico prescreveu ou o exame que foi solicitado.

A ciência busca a produção de verdades e, se a teoria em questão é confirmada de acordo com os procedimentos pertinentes ao conhecimento científico, tal teoria é tomada como uma verdade (SILVA, 2011). Na ciência, a verdade de hoje não é eterna, pois a cada descoberta ela é alterada. Os atritos entre práticas científicas e valores sociais implicam em mudanças de hábitos que podem ser milenares, além de abordarem temas que podem ter ligação não com a eficácia de uma prática, mas com questões morais (MORAIS, 2010). Quando são abordados temas relacionados à religiosidade, os atritos ainda se tornam mais evidentes. A ciência, ao longo do tempo, se distanciou da crença religiosa, estruturando-se enquanto conhecimento autônomo e independente (FRANCELIN, 2004). Objetiva-se definir o senso comum e o conhecimento científico; correlacionar esses termos no desenvolvimento da saúde.

METODOLOGIA

O senso comum e a ciência encontram-se interligados ao longo da humanidade, saber onde cada um está no contexto da saúde se torna relevante, diante disso foi realizado uma revisão bibliográfica utilizando informações disponíveis em livros e nas bases Google Acadêmico e Scielo, entre os anos 2000 e 2020, com as palavras-chaves senso comum, conhecimento científico, ciência, saúde e pandemia; estas foram escolhidas devido a correlação com a temática abordada, uma vez que deve ocorrer a correlação entre elas. Para a construção do artigo, na íntegra, foram utilizadas 15 fontes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O senso comum pode ser definido como um pensamento simples e superficial oposto ao conhecimento científico (DOURADO, 2018). Ele é a opinião particular do indivíduo sem o conhecimento científico sobre determinado assunto; é um conhecimento prático e que representa a realidade que se está inserido (SILVA, 2011). A realidade deve ser analisada de forma a compreender o processo, o mecanismo, o funcionamento de algo ou determinada situação. Importante lembrar que os conhecimentos adquiridos durante a infância são aprendidos por meio da observação, sem nenhum conhecimento científico explicado anteriormente, até porque a criança não entende explicações complexas. O senso comum remete à inocência, onde apenas acreditar se faz necessário, sem questionamentos.

Durante séculos, a religião e a crença, no sentido de acreditar em algo, foram os caminhos utilizados pela humanidade na busca de respostas às suas perguntas e aflições (FRANCELIN, 2004). Muito do que o conhecimento científico explica, ele só explica para comprovar ou não uma ideia antes apresentada pelo senso comum. O senso comum contribui para que a ciência progrida a partir de dificuldades que emergem no dia-a-dia das pessoas (RIOS *et al*, 2007). A relação entre ciência e senso comum remete à questão da divulgação do conhecimento científico para um público além daquele estritamente especializado (ARAÚJO, 2003).

A ciência nasce no século XVII com a observação da realidade, e a partir desta ação, busca-se levantar hipóteses (SILVA, 2011). A pesquisa científica tem início no conhecimento vulgar, porém dele se diferencia através de metodologias e princípios que visam a legitimá-la enquanto conhecimento científico (FRANCELIN, 2011). As descobertas, que geralmente são realizadas através das observações ou informações repassadas por meio do senso comum, tem as suas histórias de origem colocadas em segundo plano e ao longo da história se tornam esquecidas e sem importância. A ciência é tão legítima na atual sociedade, que se valoriza apenas o que é ciência, sendo somente ela produtora de verdades (SILVA, 2011). Acredita-se apenas no que é científico, no que é comprovado, em números, estatísticas e estudos. Os processos de se chegar as práticas científicas são obtidos a partir de algum tipo de pesquisa, orientado por teorias e conceitos,

que organizam suas conclusões para a possibilidade de aplicação do conhecimento e garantir a sua validade (MORAIS, 2010). Com isso, pressupõe que a ciência precisa ter aplicabilidade, caso contrário, ela pode ser esquecida. A pesquisa e a percepção dos resultados são atos de interpretação dos fatos, porém se deve também desconfiar de qualquer modelo de interpretação que afirme revelar a verdade final (SILVA, 2011).

Na área da saúde, a divulgação dos saberes compreende todos os processos de comunicação que se dão no contato com médicos e demais profissionais, pelos meios de comunicação de massa, educação sanitária, nível de escolaridade e outras formas (ARAÚJO, 2003). O pensamento desses profissionais está voltado para considerar o conhecimento como aquilo cientificamente comprovado, aquilo que a literatura afirma como verdade, muitas vezes se opondo ou desprezando o senso comum (RIOS *et al.*, 2007). O entendimento é primordial para a transferência e assimilação do conhecimento, sendo que a ciência deve ser entendida e compreendida pela população em geral. Contextos socioculturais diferentes permitem comunidades diversas experimentarem vivências únicas, formularem suas visões de mundo e, a partir destas, desenvolverem maneiras de viver (RIOS *et al.*, 2007).

Atualmente, a população enfrenta uma pandemia, um subtipo de coronavírus designado como COVID-19 alastra pelo planeta e, em meio ao caos, observa-se que a ignorância e o oportunismo dominam o mundo. Dentre as medidas propostas para o enfrentamento da pandemia, está o isolamento ou distanciamento social. De um lado observa-se parte da população totalmente adepta às medidas promovidas pela OMS e outras organizações e do outro lado pessoas que desafiam, colocando inclusive a vida de terceiros em risco, as mesmas recomendações. De acordo com Silveira (2005), quando a pandemia de influenza espanhola irrompeu, em 1918, a comunidade médica internacional viu-se diante de um grande mistério: explicar como uma moléstia tão ordinariamente branda pudesse provocar tanta desordem e morte. A população aprendeu de forma dolorosa e com muitas percas que o isolamento social era necessário para conter a disseminação do vírus, pois quanto mais pessoas permaneciam ativas, mais o vírus disseminava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tão importante quanto as descobertas que são realizadas pela ciência, são como elas serão transmitidas e colocadas em prática pela comunidade em geral. Faz parte das atribuições dos profissionais da saúde transmitir o conhecimento científico para a comunidade leiga, e também relacionar o senso comum que a comunidade possui para melhoria do conhecimento da saúde. A educação em saúde deve ser item primordial nas ações relacionadas às comunidades.

O isolamento e distanciamento social são recomendados para redução de transmissão do vírus, pois, quanto menor a aglomeração, menor o contágio e menor o número de indivíduos infectados. Essas recomendações foram replicadas ao longo das nações, e em casos extremos ocorreu o fechamento de portos, aeroportos e fronteiras para contenção do contágio. Contudo, as recomendações são questionadas diariamente, principalmente, devido ao impacto econômico. Vidas importam independentemente de qualquer crise, é necessário investir e financiar a saúde.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José W. Ciência e senso comum: a divulgação do conhecimento no campo da saúde. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, n. especial, p. 72-93, jul./dez. 2003.
- DOURADO, Ivan P. Senso comum e Ciência: uma análise hermenêutica e epistemológica do senso comum de oposição. **Educ. rev.**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 213-229, Ago. 2018.
- FRANCELIN, M. M. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 26-34, Dez. 2004.
- MORAIS, I. J. **As várias faces da ciência:** sobre o sujeito, linguagem, teoria e método como diferentes pontos de encontro dos diferentes ramos das ciências. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.
- OMS, Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde.** Documentos básicos, suplemento da 45ª edição, outubro de 2006. Disponível em: https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf.
- RIOS, E. R. G.; FRANCHI, K. M. B.; SILVA, R. M.; AMORIM, R. F.; COSTA, N. C. Senso comum, ciência e filosofia - elo dos saberes necessários à promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p.501-509, Fev. 2007.
- SILVA, S. S. A relação entre ciência e senso comum. **Ponto Urbe** [Online], p. 1-9, Set. 2011.
- SILVEIRA, A. J. T. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **Tempo**, Niterói, v. 10, n. 19, p. 91-105, Dez. 2005.